

O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo¹

The laboratory newspaper as an exercise of practice and theory in the higher education of Journalism

Rafael Barbosa Fialho Martins²

RESUMO: Este artigo discute o conflito entre teoria e prática no contexto da formação superior em Jornalismo no Brasil. Para isso, o estudo relaciona as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais às atividades promovidas no jornal-laboratório, capazes de contemplar tais normas. Para elucidar o debate, toma-se como exemplo o jornal-laboratório *OutrOlhar*, produzido por estudantes do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. A pesquisa mostra que é possível atender às normas do Ministério da Educação e também às demandas do mercado de trabalho por meio de veículos laboratoriais, alternativas eficazes para a formação em Jornalismo.

ABSTRACT: This article discusses the conflict between theory and practice in the context of higher education in journalism in Brazil. For this, the study relates the requirements of the National Curriculum Guidelines to the activities about laboratory newspaper, capable of accomplishing these standards. To clarify the debate, there is an example of the newspaper called *OutrOlhar*, which is produced by students of Journalism at the Federal University of Viçosa. The research shows that it is possible to attend the standards of the Ministry of Education and also the demands of the profession using laboratory vehicles, effective alternatives for education in journalism.

PALAVRAS-CHAVE: Formação superior. Jornal-Laboratório. Jornalismo.

KEYWORDS: Higher education. Laboratory newspaper. Journalism.

I. INTRODUÇÃO

A formação superior em Jornalismo no Brasil sempre foi motivo de debates, tendo passado por grandes transformações. No início, as escolas de Jornalis-

1 O artigo é resultado parcial da pesquisa de iniciação científica intitulada "A educomunicação como ferramenta para aperfeiçoamento do jornal-laboratório *OutrOlhar*", financiada pelo CNPq/PIBITI/UFV.

2 Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista CNPq/PIBITI. E-mail: rafaelbfialho@gmail.com

mo eram vinculadas às faculdades de Filosofia, o que fazia com que os cursos fossem demasiadamente teóricos e humanísticos em detrimento da técnica da profissão. Em 1935, foi criado o primeiro curso de Jornalismo, na Universidade do Distrito Federal, e depois, em 1947, surgiu a Escola de Jornalismo Casper Líbero. Incipientes, tais cursos tinham uma série de deficiências técnicas, como falta de equipamentos, o que também contribuiu para uma configuração mais humanística. José Marques de Melo, aluno de Jornalismo na década de 60, fala da sua experiência:

[...] Só fomos redigir a primeira matéria no curso depois de três anos, justamente no dia do exame final da disciplina “Técnicas de Jornal”. Até então, todo conhecimento sobre técnicas de redação, como lead ou mesmo “pirâmide invertida”, ficava limitada aos escassos manuais de Jornalismo (LOPES, 1989, p. 20).

Dias (2011) ressalta as carências técnicas como fator preponderante para a incipiente prática laboratorial nos cursos de Jornalismo no Brasil, a qual, apesar de já existir, ainda não era plenamente consolidada no país:

Na década de 60, uma pesquisa realizada pela Faculdade Casper Líbero já havia mostrado que a falta de equipamentos dificultava a elaboração de jornais-laboratório. Surgiram naquele momento diversos estudos, pesquisas, comissões, todas elas com o mesmo propósito: fazer um apanhado da situação das escolas de Jornalismo no país e propor soluções que incentivassem a criação de práticas laboratoriais (DIAS, 2011, p. 18).

Tais discussões, embora importantes, eram muito esparsas e não resultaram em medidas efetivas. Isso porque a legislação relativa ao exercício laboratorial era mais branda, o que gerava certa confusão e dissonância de ações por parte dos cursos – se por um lado algumas faculdades já desenvolviam jornais-laboratório, outras ainda não dispunham de veículos e atividades semelhantes (NUZZI, 1992). Em 1984 foi tomada uma medida para fortalecer e regulamentar de fato as atividades práticas nos cursos, a Resolução N° 02/84, do então Conselho Federal da Educação, que tornava obrigatória a implantação de laboratórios e estabelecia uma carga horária mínima que deveria ser ocupada com atividades práticas. Todavia, não bastasse o fato de as grades curriculares ainda serem basicamente preenchidas por disciplinas como Teoria da Comunicação, Filosofia e Sociologia, as faculdades não obedeceram ao prazo colocado pela resolução, e até hoje, há instituições que não subsidiam a prática laboratorial (DIAS, 2011).

Assim como todos os cursos de graduação, curso de jornalismo sempre necessitou se enquadrar em uma série de normas e regras definidas pelo Governo Federal. Na época em que eram vinculados às Faculdades de Filosofia, os cursos de Jornalismo eram regulados pelo Conselho Federal de Educação, e a partir de 2001, os conteúdos de ordem prática e teórica considerados adequados

passaram a ser estabelecidos pelas chamadas “Diretrizes Curriculares Nacionais”, documento elaborado pelo Conselho Nacional de Educação (DIAS, 2011).

Em linhas gerais, tais diretrizes estabelecem aspectos que os cursos devem apresentar para obterem um funcionamento pleno e eficaz. Em relação ao curso de Comunicação Social, as orientações estão presentes no Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001, que aprova também as Diretrizes Curriculares Nacionais de cursos como Arquivologia, Biblioteconomia, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social. Na parte referente ao campo da Comunicação Social, são expostos os dois principais objetivos do texto:

- a) flexibilizar a estruturação dos cursos, tanto para atender a variedades de circunstâncias geográficas, político-sociais e acadêmicas, como para ajustar-se ao dinamismo da área e para viabilizar o surgimento de propostas pedagógicas inovadoras e eficientes;
- b) estabelecer orientações para a obtenção de padrão de qualidade na formação oferecida. O presente texto estabelece um padrão básico de referência para todas as instituições que mantenham Cursos de Graduação em Comunicação com habilitações em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Cinema, Radialismo, Editoração, ou outras habilitações pertinentes ao campo da Comunicação, que venham a ser criadas (BRASIL, 2001).

Desse modo, mesmo tendo peculiaridades próprias, tais cursos comungam de habilidades, competências e conteúdos básicos necessários à formação de qualquer egresso também em Comunicação. Assim, ficam asseguradas as características que conferem unidade e identidade aos profissionais da área como um todo, marcadas pela interdisciplinaridade e dinamismo. Segundo as diretrizes, um perfil comum que se espera dos formandos deve compreender várias características, como a capacidade de criação, produção, distribuição, recepção e análise crítica da realidade do trabalho na área, além da habilidade de refletir e se adequar ao dinamismo e complexidade desse campo de trabalho. O comunicador social ainda deve utilizar criticamente o arcabouço teórico-prático adquirido em seu curso, o que o tornaria competente para

posicionar-se de um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação, sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida, sobre as repercussões sociais que enseja e ainda sobre as necessidades da sociedade contemporânea em relação à comunicação social (BRASIL, 2001).

Desde o início do documento já é possível perceber a importância dada à conciliação entre teoria e prática, capaz de preparar o profissional de modo amplo. Depois disso, o documento expõe o que o MEC espera dos egressos de cada uma das habilitações da área de Comunicação, o que ajuda a delimitar melhor as características pertinentes aos profissionais no mercado de trabalho.

Sobre a habilitação em Jornalismo, o perfil específico esperado carac-

teriza-se por um profissional capaz de produzir informações, de ser preciso na apuração e responsável na interpretação e divulgação de fatos, além de promover intercâmbio com outras áreas do conhecimento com as quais o Jornalismo se relaciona. No que diz respeito às competências e habilidades gerais do jornalista, o documento exalta a necessidade de o profissional manter uma postura crítica diante de conceitos e práticas do mercado de trabalho, além de estimular a inovação e o contato com outras línguas. As habilidades específicas serão abordadas posteriormente neste artigo (BRASIL, 2001).

Quanto aos conteúdos ministrados, eles dividem-se também em “Gerais” e “Específicos”: todas as instituições devem oferecer “[...] conteúdos teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; conteúdos de linguagens, técnicas e tecnologias midiáticas, conteúdos ético-políticos (BRASIL, 2001 p. 23). Os conhecimentos específicos são determinados por cada instituição, que pode abordar disciplinas que vão ao encontro do perfil específico exigido.

Os parâmetros destacam também a importância de atividades extras, além dos conteúdos gerais e específicos. Segundo o documento, o estágio refere-se a qualquer estudo ou prática realizado em atividades fora da unidade onde as aulas do curso ocorrem. Dias (2011) destaca a polêmica acerca do estágio, considerado proibido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), mas que pode ser praticado no ambiente de redação na proporção de dez profissionais para cada estagiário. Contudo, muitas vezes não é o que se vê na realidade. Ausência de orientação de profissionais, baixa remuneração e carga horária extensa são apenas algumas das condições que os estagiários de Jornalismo encontram pelo país.

Por sua vez, atividades complementares são aquelas mais voltadas para a pesquisa e o ensino, permitindo contato com novas experiências e possibilidades metodológicas. Alguns exemplos de Atividades Complementares são programas especiais de capacitação do estudante, tipo Capes/PET, atividades de monitoria, outras atividades laboratoriais além das já previstas no padrão turma/horas-aula e atividades de extensão e pesquisa (BRASIL, 2001). Como se vê ao ler o documento, as atividades laboratoriais em geral já constam na ementa do curso, mostrando que tal modalidade está arraigada no método de ensino de Jornalismo no Brasil – ou pelo menos deveria estar.

As diretrizes da Estrutura do curso versam sobre o fato de as instituições oferecerem os conteúdos na modalidade de créditos, que devem obedecer a uma sequência harmoniosa determinada pelo colegiado. Por fim, o documento estabelece as normas relativas à Avaliação e ao Acompanhamento do curso, que deve ocorrer periodicamente para avaliá-lo em relação à sua pertinência estrutural, à aplicação de critérios definidos pelo colegiado e aos meios de acompanhamento e avaliação do próprio curso (BRASIL, 2001).

2. JORNAL-LABORATÓRIO COMO VEÍCULO PROMOTOR DE HABILIDADES ESPECÍFICAS

A partir de agora, o artigo passa a estabelecer uma relação entre o que é exigido

como competência específica do jornalista e um veículo laboratorial, com vistas a comprovar que este tipo de atividade é essencial para a formação do profissional. O veículo em questão é o jornal-laboratório *OutrOlhar*, produzido por estudantes de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

2.1. Teoria, prática e o jornal-laboratório

O dualismo teoria *versus* prática parece ser uma das tensões mais recorrentes no ensino de Jornalismo no país. Por muitos anos, as pesquisas e discussões da área ora apontavam para a necessidade de uma formação mais alicerçada em bases teóricas, ora para um maior investimento em experimentações práticas. O conflito permanece até hoje, com defensores de ambos os lados da questão, mas no meio do debate surgiu um meio eficiente para conciliar teoria e prática – o jornal-laboratório.

Sustentado em aulas teóricas que dão o embasamento sobre jornalismo impresso, o jornal-laboratório possibilita ao estudante praticar todos os passos da produção da notícia – apuração, entrevista, redação, edição e distribuição – oportunidade que talvez ele não teria em um estágio.

Nem profissional demais para repetir vícios da mídia impressa e nem amador demais para deixar de praticar jornalismo sério, esse veículo tem como bases de sobrevivência a experimentação e a inovação, atributos indispensáveis para a formação do egresso dos cursos de Jornalismo. O jornal-laboratório depende de um arcabouço teórico forte, que norteie as atividades práticas, as quais estimulam o estudante e o colocam mais próximo da realidade do mercado de trabalho. Lopes (1989) atenta para a preparação que o veículo laboratorial proporciona aos envolvidos em suas atividades:

O órgão laboratorial é um instrumento de reprodução da prática jornalística vigente ou um veículo para a criação de alternativas em relação ao que existe na sociedade? As duas opções são fundamentais: reproduzir a realidade, criar inovações. É importante manter as duas formas, combinando-as, intercalando-as e integrando-as (LOPES, 1989, p. 34).

A prática laboratorial impressa é o principal meio em que se aplica uma daquelas que Luiz Beltrão (1963) considera ser a função primordial das escolas de Jornalismo do país: “[...] funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experiências morfológicas e de conteúdo [...] das matérias, ações e serviços que a comunidade espera encontrar [...]” (BELTRÃO, 1963 *apud* LOPES, 1989).

Nesse sentido, o presente artigo visa a evidenciar a relevância do jornal-laboratório como meio eficaz para a formação superior em Jornalismo. Para isso, vale-se de um estudo de caso do *OutrOlhar*, veículo do curso de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa, cujas atividades estão de acordo com as habilidades e competências consideradas adequadas ao jornalista.

2.2. O *OutrOlhar*

O jornal-laboratório *OutrOlhar* foi implantado em 2003, dois anos após a criação do curso na UFV, como exigência do Ministério da Educação e Cultura (MEC). O jornal seria destinado à comunidade viçosense como um todo, e “[...] a ideia era que ‘o jornal-laboratório fizesse uma integração, que permitisse um olhar diferenciado. Que a cidade conhecesse alguma coisa diferente de dentro da universidade, e que a universidade percebesse a cidade de maneira diferenciada’” (DIAS, 2011, p. 29).

Assim como na maioria dos cursos do Brasil, na UFV não foi diferente: o jornal enfrentou diversas dificuldades (limitações financeiras, técnicas), e dependia da “boa vontade” de poucos. Ao longo dos anos, o jornal foi se aprimorando. Diversos professores passaram pelo corpo editorial, e muito se discutiu sobre a linha editorial, que sofreu uma ligeira mudança: as matérias relativas à cidade de Viçosa seriam priorizadas em detrimento de temas relacionados à UFV. Depois, em 2005, o jornal passa a ser atividade obrigatória em duas disciplinas do curso, o que auxiliou no fortalecimento do veículo.

Já em 2007, o jornal teve outra mudança: a linha editorial foi amplamente alterada, acompanhada de uma renovação na linguagem gráfica; agora o veículo seria destinado a estudantes de escolas públicas de Viçosa que estivessem cursando o Ensino Médio, linha que se mantém até os dias atuais e exige pautas e abordagens diferenciadas. Atualmente, o jornal é produzido nas disciplinas “Jornal-Laboratório” I e II, em dois semestres. A cada semestre são publicadas duas edições para serem distribuídas nas escolas da rede pública de Viçosa.

A iniciativa contribui para ampliar as possibilidades de práticas variadas em outros campos do saber acadêmico, tais como a pesquisa e a extensão. Os professores de ensino médio ganham novas alternativas de trabalho, já que o jornal é um instrumento pedagógico, e seus alunos têm contato com textos que, apesar de não serem como propriamente didáticos, podem ser um meio eficaz para exercício da leitura, escrita e cidadania. Já os produtores do jornal *OutrOlhar* têm a oportunidade de praticar um jornalismo cidadão, com vistas ao desenvolvimento social dos leitores – algo que se faz pertinente se analisarmos os ideais e responsabilidades do comunicador social.

Com a renovação do projeto, o jornal, que acumula 28 edições publicadas, conquistou prêmios como o Expocom Sudeste 2011, duas premiações no Expocom Sudeste 2010 e o Prêmio Arthur Bernardes, o que atesta sua relevância junto à comunidade a que se destina.

2.3. O o jornal-laboratório e as competências do jornalista

As Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecem habilidades e competências específicas ao jornalista, algumas das quais serão, a partir de agora, esmiuçadas e confrontadas com as atividades desenvolvidas no processo de confecção do jornal-laboratório *OutrOlhar*. Para isso, o trabalho faz referência ao processo de

produção de uma edição do jornal, desde sua concepção até a distribuição para o público-alvo.

a) Dominar a linguagem jornalística apropriada aos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação

Logo no início do trabalho com o *OutroOlhar*, os alunos têm aulas a respeito de particularidades do texto jornalístico impresso, conceitos e noções práticas típicas desse tipo de atividade jornalística como a pauta, modalidades de entrevista, apuração, adequação ao texto de jornal, questões gráficas, diagramação e até jargões próprios dos jornais impressos. Além de aprofundar as peculiaridades do meio impresso, as atividades do jornal-laboratório também acabam contribuindo para o aprendizado como um todo, já que algumas práticas são necessárias em todos os meios de comunicação. Como exemplo, tem-se a apuração, processo imprescindível para qualquer especialidade de produção de informação.

b) Investigar informações, produzir textos e mensagens jornalísticas com clareza e correção e editá-los em espaço e período de tempo limitados

Esta competência específica discorre sobre a capacidade de investigar e produzir as informações, habilidade que o estudante produtor do *OutroOlhar* aprende, com maior ênfase, na disciplina “Jornal-Laboratório I”. Neste momento do artigo, vale enfatizar a capacidade de edição, que é incentivada principalmente na disciplina “Jornal-Laboratório II”. Depois de treinar a apuração e a adequação ao texto de jornalismo impresso, o estudante passa agora a lidar mais de perto com o processo de edição das matérias, que passam por revisões ortográficas, escolha de títulos, legendas e fotografias. Geralmente, os alunos têm até duas semanas para executar a pauta, que deve originar uma matéria que se enquadre na linha editorial do jornal e no espaço da página (até 30 linhas).

Nesta fase, o aluno tem contato mais próximo com o “acabamento” da matéria e a acompanha até a hora da impressão do jornal na gráfica. Os alunos dispõem de autonomia para desenvolver tais atividades, postura salutar para a construção e fortalecimento destas habilidades no egresso.

c) Formular pautas e planejar coberturas jornalísticas

Para a confecção de cada edição do jornal, são realizadas reuniões de pauta com toda a turma, que se divide em editorias. Cada aluno elabora uma pauta de acordo com sua editoria e leva para a sala de aula para discutir o assunto, que pode ser abordado ou mesmo descartado, caso o editor ou os alunos não o julguem pertinente. Dependendo do fato, os alunos decidem por fazer uma cobertura mais ampla, com reportagens especiais, mais aprofundadas. Foi o caso da edição 27, de novembro de 2011, que fez uma reportagem especial sobre a violência na cidade de Viçosa.

d) Relacionar-se com fontes de informação de qualquer natureza

Trabalhando no jornal-laboratório, os estudantes têm a oportunidade de lidar com as mais variadas fontes, prática que é estimulada dada a versatilidade

do jornal – numa só edição são entrevistados desde psicólogos até um astronauta, por exemplo. A própria diversidade das editorias contribui para a variação de temas. Hoje o jornal é dividido nas editorias de Esporte, Ciência e Tecnologia, Comportamento, Vida e Saúde, Cidade, Meio ambiente, Opinião e Cultura. Vale lembrar que as editorias não são fixas, podendo mudar de acordo com a turma, o que atesta o caráter experimental e dinâmico do veículo, atribuições importantes para o egresso do curso.

e) Trabalhar em equipe com profissionais da área

O trabalho em equipe é algo imprescindível para o bom andamento das atividades do jornal-laboratório, por que não, do jornalismo. No *OutrOlhar*, as turmas são divididas em grupos de 4 ou 5 pessoas, subordinadas aos editores, escolhidos pelo editor-chefe, o professor. O grupo deve se manter o mesmo durante todo o período em que é ministrada a disciplina, o que exige o exercício da boa convivência e do reconhecimento das potencialidades de cada membro. A cooperação entre os alunos é visível: eles trocam informações entre si, indicam fontes e temas uns aos outros e auxiliam outros grupos com suas habilidades. Por exemplo, a editoria de Comportamento solicita uma ilustração a um colega que domina as técnicas de desenho e que está na editoria de Esporte.

f) Buscar a verdade jornalística com postura ética e compromisso com a cidadania

Esta habilidade específica exigida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais é uma espécie de “lema” do *OutrOlhar*. Há discussões sobre questões éticas, como propriedade de imagens, resguardo de fontes que desejam ficar em *off* e aspectos próprios da “ética do jornalista”. Como exemplo da ética mesmo em um veículo laboratorial, temos um episódio em que um aluno, realizando reportagem sobre menores de idade que perambulam pelo centro de Viçosa pedindo esmolas, fotografou uma dessas crianças, mas foi orientado pelo editor a tratar a imagem de modo a não identificar o menor.

Já a promoção da cidadania é o cerne da linha editorial do jornal: desde o primeiro dia de aula, o professor responsável (editor) explicita a linha editorial do veículo, focada em estudantes de nível médio. Desse modo, o jornal deve ser exclusivamente pautado por assuntos educativos e que promovam a cidadania junto aos leitores. A linha editorial do *OutrOlhar* merece um aprofundamento neste momento do artigo: a preocupação efetiva com tal questão começou a partir de 2007, quando o professor Joaquim Sucena Lannes, assumindo o jornal-laboratório, iniciou o processo de reestruturação do jornal.

Primeiramente, era hora de se pensar: pra quem se destinaria o jornal? Outrora voltado para o público em geral da cidade de Viçosa, o veículo, segundo o professor, deveria se destinar a um público específico e carente de conhecimento, e assim se definiu: o jornal seria feito para alunos de nível médio das escolas públicas da cidade. Lannes (2009) justifica a escolha:

No meu entender, os alunos dessa faixa etária são sempre cheios

de dúvidas e geralmente não encontram brechas para dirimir suas questões no núcleo familiar. Além disso, as escolas públicas são carentes dos recursos financeiros que possibilitam materiais para suprir as deficiências de leitura ou informação necessária a esses jovens, que acabaram se transformando em nosso público alvo (LANNES, 2009, p. 247).

Lopes (1989) reforça a necessidade de uma “linha política” dos veículos ser pensada de acordo com a comunidade à qual eles se dirigem. Para isso, os produtores do veículo devem ouvir o público alvo para estabelecer diretrizes editoriais que contemplem plenamente os leitores. As ideias de Lopes (1989) vão ao encontro do que estipulam as Diretrizes Nacionais, segundo as quais o jornalista deve estar sempre em contato com o público receptor, como vemos a seguir.

g) Compreender os processos envolvidos na recepção de mensagens jornalísticas e seus impactos sobre os diversos setores da sociedade

Visando a ouvir o público leitor, as atividades do *OutrOlhar* mantêm uma dinâmica interessante. Na disciplina Jornal-Laboratório I, os alunos fazem um mapeamento em todas as escolas em que o jornal é distribuído aplicando questionários e realizando entrevistas que permitem compreender o público alvo – seu contexto social, hábito de leitura, relação com meios de comunicação e recepção do *OutrOlhar*. Esta pesquisa, que posteriormente é transformada em seminários apresentados para a turma de Comunicação, permite um contato direto entre os produtores das notícias e seus leitores, prática interessante que certamente acrescenta para os dois lados envolvidos.

Contudo, ainda é pouco: mesmo com tal pesquisa, o jornal ainda precisa aprimorar a interação com o público leitor, que deve ser constante e atuante para que as matérias atendam às demandas de quem lê o *OutrOlhar*. Atualmente não há nenhum canal de comunicação entre os produtores e receptores. Se pensarmos no contexto da internet, faz-se necessário utilizar as ferramentas da web para viabilizar tal *feedback*. E além da pesquisa que ocorre a cada dois anos, hoje o público pode se manifestar apenas ligando ou comparecendo no Departamento de Comunicação da UFV.

h) Registrar fatos jornalísticos, apurando, interpretando, editando e transformando-os em notícias e reportagens

Por fim, pode-se perceber que as atividades do *OutrOlhar* contemplam plenamente mais este item das habilidades e competências específicas do jornalista. O estudante tem a oportunidade de lidar com todas as etapas da informação – do acontecimento até a sua respectiva transformação em notícia. Logo, nota-se a essencialidade que os veículos laboratoriais representam para a formação do jornalista. E como o próprio nome diz, esses meios são um laboratório eficiente que moldam práticas, ensinam conceitos e, principalmente, deixam o egresso mais preparado para atuar no mercado de trabalho. Essas atividades, se forem levadas a sério – tanto por alunos quanto pelos cursos de Comunicação – podem produzir eficazes frutos. Na UFV, por exemplo, não são poucos os

casos de alunos que se destacaram nas atividades do *OutroOlhar* e tiveram êxito no mercado, seja de jornalismo impresso ou não. Dias (2011) ainda ressalta a importância do jornal-laboratório para a formação integral do profissional, além dos conhecimentos jornalísticos:

para o estudante universitário [...], que começa a participar das rotinas de produção jornalística, tal qual acontece no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que se desenvolvem a narrativa, o faro por notícias, a adequação das mesmas para o receptor [...], de igual maneira cria-se também o sentimento de desejo de transformação da realidade que os cercam, da comunidade onde estão inseridos. Permite que o aluno exercite a capacidade de analisar os problemas de sua comunidade, conseqüentemente, de seu país (DIAS, 2011, p. 25).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto há muitas discussões sobre qual seria o melhor caminho para o ensino de Jornalismo no Brasil, o jornal-laboratório tem se mostrado uma maneira simples e eficaz de unir prática e teoria como muitas atividades não fazem. Contudo, isto só é possível quando a instituição decide arcar com os gastos financeiros e levar o projeto adiante. O *OutroOlhar*, assim como vários outros veículos, estão na ativa e servem como lição de que a própria universidade é, sim, capaz de preparar bem seus alunos para o mercado de trabalho.

Isso porque, através do jornal-laboratório, é possível lidar com a mais variada gama de situações e técnicas do profissional de Jornalismo. É interessante ver o quanto as habilidades específicas exigidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais são exercidas e aprimoradas no “simples” fazer de um jornal. Pesquisas envolvendo veículos laboratoriais são também importantes para comprovar aos estudantes que eles não estão fazendo um “jornalzinho”, mas estão treinando e se capacitando para a vida profissional.

Além disso, são necessários estudos relativos à integração entre veículos laboratoriais e internet, tendo em face o novo contexto midiático-social em que nos encontramos hoje – bem mais complexo do que aquele de quando surgiu o jornal-laboratório. Estudos recentes (ANUNCIAÇÃO, 2011) já mostram que a internet só vem potencializar as vantagens de se trabalhar com jornal-laboratório, aproximando ainda mais a teoria da prática, além de situar melhor o estudante com a realidade profissional.

Os cursos de Jornalismo devem entender, portanto, que o jornal-laboratório precisa de um projeto sólido, ou seja, linha editorial fixa, práticas pedagógicas testadas e aprovadas e uma forte base teórica que justifique e dê sentido ao projeto. Some a isso uma dose extra de determinação dos alunos e incentivo por parte do corpo docente, e temos uma combinação – não perfeita –, mas capaz de produzir bons resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANUNCIACÃO, Cristiano Pinto. Jornal-laboratório: ensino de jornalismo no contexto da convergência. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2011, Florianópolis. *Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber*. Florianópolis: ABCiber, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. *Parecer CNE/CES 492/2001 de 3 de abril de 2001*. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 abr. 2001. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acessado em 05 fev. 2012.
- DIAS, Samantha Gomes. *Outro Olhar sobre o ensino de jornalismo: uma análise da importância do jornal-laboratório para a formação profissional. Trabalho de Conclusão de curso (graduação)*. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.
- LANNES, Joaquim Sucena. *Outro Olhar: uma proposta pedagógica de jornal-laboratório cidadão*. *Revista de Ciências Humanas*. Viçosa, V. 9, N. 2, 414p., Jul/Dez, 2009.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.
- NUZZI, Erasmo Freitas. 40 anos de ensino do jornalismo no Brasil: Relato Histórico. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). *O Ensino de Comunicação – Análises, Tendências e Perspectivas*. São Paulo: ABECOM, ECA / USP, 1992. P. 23.

Recebido em: 15/03/2012

Aceito em: 25/04/2012